



PEDRO BANDEIRA

**O DINOSSAURO QUE
FAZIA AU-AU**

- Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Luísa Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

PEDRO BANDEIRA

O DINOSSAURO QUE FAZIA AU-AU



- Leitor fluente – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Pedro Bandeira nasceu em São Paulo, em 1942. Trabalhou em teatro profissional como ator, diretor e cenógrafo. Foi redator, editor e ator de comerciais de televisão. A partir de 1983 tornou-se exclusivamente escritor. Sua obra, direcionada a crianças e jovens, tem ganhado diversos prêmios, como Jabuti, APCA, Adolfo Aizen e Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Já vendeu mais de 20 milhões de exemplares de seus livros.

RESENHA

Bem pequeno, o menino Galileu, nome que faz referência ao cientista Galileu Galilei, começou a entender que o mundo dos adultos era um amontoado de ordens e proibições. Seu desejo de ter um cachorro era continuamente frustrado pelo antipático

síndico do prédio de apartamentos em que vivia. Herodes era o apelido que o garoto lhe dera: tinha certeza de que, se pudesse, ele mandaria matar criancinhas. Seus pais tampouco se mostravam muito abertos ao diálogo – a mãe, sempre entretida com seus afazeres, incomodava-se com qualquer bagunça; o pai, monossilábico, não interrompia por nada a leitura de seu jornal. Nenhuma dessas situações, porém, impediria Galileu de ser o *Imperador do Esquadrão dos Narigadores*, também composto por Moreno, seu papagaio malcriado, e pelo rato Cuim – que não falava, mas se fazia entender com seus chiados agudos.

Certo dia, dentro de uma gruta escondida no meio do terreno em obras, que tinha virado o refúgio preferido do “esquadrão”, encontra um enorme ovo. Qual não foi sua surpresa quando, de dentro dele, saiu um dinossauro de verdade, com uma enorme barriga e braços diminutos. Batizou-o de *Isauro*. Entusiasmado, o menino que se mostrava ansioso para apresentar ao mundo sua descoberta deu-se conta de que os adultos se negavam a enxergar aquilo que se depositava bem diante de seus olhos – nem mesmo o professor de Paleontologia da universidade consegue identificar o enorme réptil que tem à sua frente. Apenas o velho palhaço Beбето e a menina bailarina Nildinha, os dois únicos (e ilustres) membros do Grande Circo Maxambomba, ameaçado de ser interditado pelos fiscais da cidade, dialogaram com ele. Somente quando Isauro aparece disfarçado de dragão em um dos espetáculos é que as pessoas se dão conta de que estão diante de um dinossauro de verdade.

No decorrer da trama, Pedro Bandeira lembra-nos das vezes em que o mundo burocrático, repetitivo e cheio de restrições dos adultos é muito mais absurdo que o mundo fantástico em que costumam viver as crianças: sem um pouco de imaginação, ninguém consegue perceber nada além daquilo que já foi exaustivamente visto. A narrativa entrecruza realismo e fantasia, com uma boa dose de sátira e de humor.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela infantil.

Palavras-chave: relacionamento entre adultos e crianças, diálogo, reação ao novo.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Ciências.

Tema Transversal: ética

Público-alvo: Leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Revele aos alunos o título do livro e estimule-os a criar hipóteses a respeito do desenrolar da narrativa. Por que será que um dinossauro latiria como um cachorro?

2. O que seus alunos sabem a respeito dos dinossauros? Quais as diferentes espécies? Em que período viveram? Por que teriam desaparecido? Proponha que realizem uma pesquisa a respeito do assunto, se possível trazendo imagens para apresentar à classe.

3. Peça aos alunos que façam uma lista de filmes, animações, livros e narrativas em quadrinhos em que os dinossauros são retratados. A que licenças poéticas os autores se permitem ao retratar essas gigantescas criaturas? Quais delas estão mais próximas da realidade?

4. Leia com a turma a pequena biografia de Pedro Bandeira e o pequeno texto que ele escreve a respeito do livro na página 104. Entre as obras que *fizeram a sua cabeça*, o autor cita *O sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, e *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. Divida a turma em dois grupos e proponha que cada um deles pesquise um pouco mais a respeito de um desses autores, trazendo informações para compartilhar com a classe. Sugira que se debrucem com especial atenção nos personagens mencionados pelo autor: Emília e Tom Sawyer. Se possível, selecione algumas passagens de obras dos autores para ler em voz alta para a turma.

Durante a leitura:

1. Estimule os alunos a verificar se as hipóteses construídas por eles se confirmam ou não.

2. Diga que prestem atenção aos nomes, títulos e palavras inventadas pelo protagonista.

3. No pequeno texto de Pedro Bandeira ao final do livro, o autor comenta que as asneiras de Emília serviram-lhe de inspiração para as más-criações do papagaio Moreno. Quais são elas?

4. Veja se os alunos notam como o autor, em muitos momentos, satiriza o modo de viver e pensar dos adultos, criando efeitos de humor.

5. Peça à turma que preste atenção aos momentos em que criaturas inanimadas ganham vida e dialogam com os personagens: um raio de sol, um riacho, um caminhão.

6. Diga que prestem atenção ao contraste entre o olhar de Galileu e o dos adultos. De que modo cada um deles lida com a presença do dinossauro Isauro?

7. Sugira que prestem atenção às ilustrações, procurando perceber a relação que existe entre texto e imagem. O que a fisionomia dos personagens sugere a cada imagem?

Depois da leitura:

1. O final do livro, em que as crianças, ao assistirem ao espetáculo de circo, finalmente reconhecem a presença do dinossauro Isauro, lembra o fim do conto *A roupa nova do imperador*, de Hans Christian Andersen. Leia o conto com os alunos e estimule-os a comparar as duas narrativas: enquanto na de Pedro Bandeira são as crianças que veem o que ninguém vê, na de Andersen é uma criança que denuncia a inexistência de algo que todos, de modo hipócrita, fingiam enxergar.

2. Na página 101, as ilustrações mostram a manchete de um jornal a respeito do dinossauro descoberto. Proponha que a turma, a partir das informações contidas no livro, escrevam o texto da notícia que teria saído no jornal, do modo mais objetivo possível. Sugira que se apoiem no texto de notícias do jornal da sua cidade para se inspirar. Deixe que se divirtam com a tarefa, inserindo toques sutis de ironia e humor.

3. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa sobre a vida e a obra de Galileu Galilei, que dá nome ao protagonista do livro. Que paralelos são passíveis de serem traçados entre a trajetória do cientista e a narrativa de Bandeira?

4. Circos como o Grande Circo Maxambomba, independentes, sem o apoio de grandes empresas, costumam enfrentar mesmo muitas dificuldades, como as que acometem seu Beбето e Nildinha. Assista com seus alunos ao belíssimo filme *Palhaços*, de Federico Fellini, em que o diretor, transitando entre a ficção e o documentário, homenageia os palhaços que marcaram sua infância. Distribuição: Mais Filmes.

5. Será que o mundo de invenções das crianças não é mais sensato do que o mundo de protocolos dos adultos? Ser artista significa, de alguma forma, nunca renunciar ao mundo de Nildinha e do menino Galileu. Leia com os alunos o poema *O menino que carregava água na peneira*, de Manoel de Barros, em que o poeta nos mostra como a escrita pode ser um espaço para criar milagre a partir daquilo que parece insensatez.

6. Assista com a classe ao filme *O encanto das fadas*, dirigido por Charles Sturidge, baseado no episódio real conhecido como

As fadas de Cottingley, ocorrido na Inglaterra no período da Primeira Guerra Mundial. Duas garotas encontram fadas no jardim da sua casa e fotografam-nas, gerando polêmica entre jornalistas, fotógrafos e espiritualistas. O grande problema é que só consegue ver as fadas quem acredita nelas... Distribuição: Paris Filmes.

7. Ouça com a turma a bela canção *João e Maria*, de Chico Buarque, aproveitando para debruçar-se um pouco sobre sua letra: veja como a fórmula *agora eu era* evoca o universo do “faz de conta” das brincadeiras infantis, permitindo que seres de universos muito distintos se misturem e se sucedam. Chame atenção, porém, para o fato de essa narrativa não possuir um final feliz: como o poeta passa do jogo despretensioso a uma canção de amor e perda?

LEIA MAIS...

Do mesmo autor e da mesma série

- *O fantástico mistério de Feiurinha*
- *Sonho de Carnaval*
- *As cores de Laurinha*
- *O primeiro amor de Laurinha*
- *O mistério da fábrica de livros*
- *É proibido miar*
- *O poeta e o cavaleiro*

Do mesmo gênero

- *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Globinho.
- *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. São Paulo: Melhoramentos.
- *Exercício de ser criança*, de Manoel de Barros. São Paulo: Salamandra.
- *O jardim secreto*, de Francis Hodgson Burnett. São Paulo: Editora 34.